



NATURE
LOVES
TO HIDE

LG

LÉVY GORVY

Fortes D'Aloia
& Gabriel

Fortes D'Aloia & Gabriel

NATURE LOVES TO HIDE

ABERTURA DEZEMBRO 2021

Fortes D'Aloia & Gabriel e Lévy Gorvy têm o prazer de anunciar *Nature Loves to Hide*, uma exposição colaborativa que alude às múltiplas formas pelas quais artistas históricos e contemporâneos abordam a natureza e a paisagem. Inspirando-se no mundo natural, os dez artistas presentes na mostra imbuem-se do aforismo do filósofo grego Heráclito — “a natureza gosta de ocultar-se” — contemplando em suas obras as esferas históricas, comunitárias e imaginativas compreendidas pelo gênero da paisagem.

Representados pela Lévy Gorvy, Tu Hongtao (n. 1976), Francesco Clemente (n. 1952) e Pat Steir (n. 1938) se concentram em motivos singulares da natureza – a floresta, flores e cachoeiras – para envolver os visitantes em uma contemplação espiritual. As artistas Lucia Laguna (n. 1941), Adriana Varejão (n. 1964),

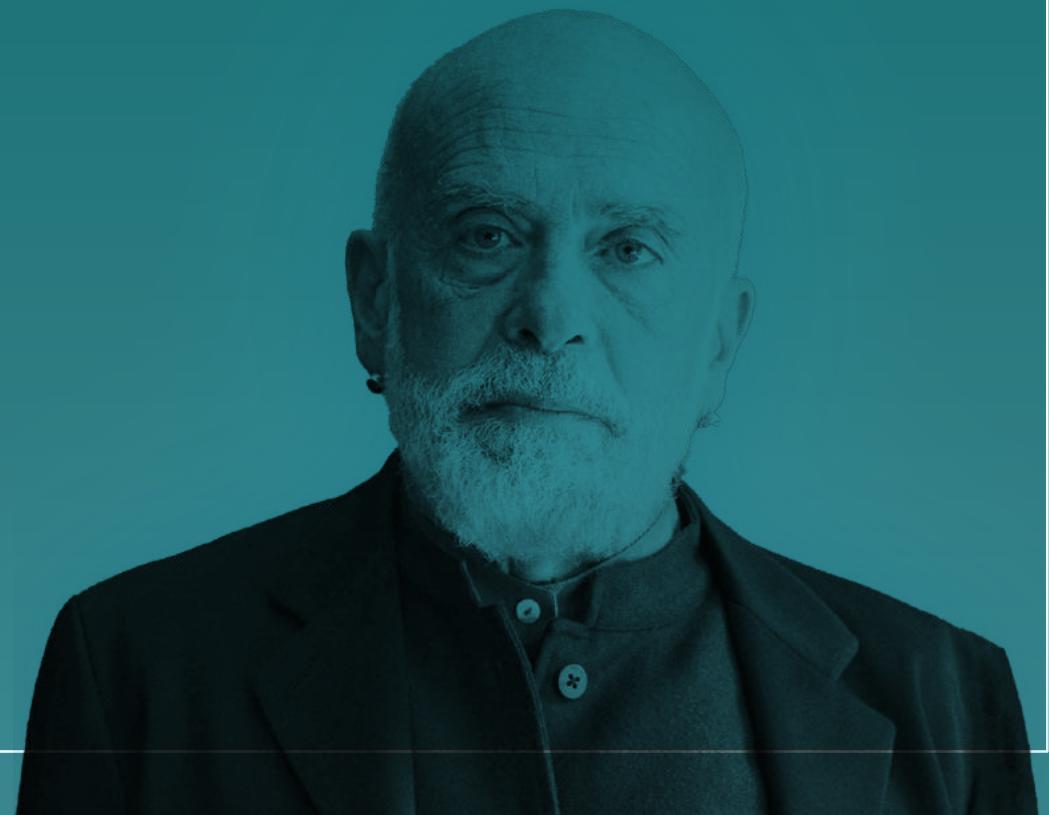
Janaina Tschäpe (n. 1973) e Marina Rheingantz (n. 1983), da Fortes D'Aloia & Gabriel, utilizam-se de diversas tradições de pintura de paisagem para investigar questões culturais e pessoais, recorrendo à abstração como força libertadora de composição, ao mesmo tempo em que retêm traços emblemáticos da figuração. Em contraste, obras de Lucio Fontana (1899–1968), Willem de Kooning (1904–97) e Yves Klein (1928–62), selecionadas pela Lévy Gorvy, e de Rivane Neuenschwander (n. 1967), representada pela Fortes D'Aloia & Gabriel, integram a mostra com trabalhos altamente conceituais que redefinem radicalmente as noções convencionais dos limites do espaço e da terra. Como uma ponte entre o que faz parte do cânone e do que é contemporâneo, *Nature Loves to Hide* oferece uma experiência imersiva e multifacetada da pintura e da paisagem.

FRANCESCO CLEMENTE

(n. 1952)

Pautado por práticas tão diversas quanto a poesia Beat, as tradições tântricas da Índia e do Tibete, o ritualismo de Joseph Beuys e a arte greco-romana, Francesco Clemente traçou uma carreira única que busca ressonância intercultural. Por meio de suas aquarelas, pinturas, instalações e livros, o artista combina lugar-comum com o que é fantástico, impressões contemporâneas e mitologias antigas – usando um imaginário que mistura elementos naturais e surreais, experiências pessoais e noções visuais coletivas. Nascido em 1952, em Nápoles, na Itália, Clemente estudou durante um curto período na Università degli Studi in Rome. Uma viagem com Alighiero Boetti para o Afeganistão, em 1974, exerceu profundo impacto sobre o jovem artista e instigou um estilo de vida nômade. Ele começou a viajar extensivamente pela Índia, estudando literatura hindu e budista, e iniciou colaborações com produtores de papel, miniaturistas e pintores de placas indianos. Ao atrair atenção internacional na década de 1980 como parte do grupo italiano “Transavanguardia”, Clemente se mudou para Nova York – onde vive e trabalha hoje – e participou de uma cena cultural que uniu poetas, dançarinos, músicos e outros pintores, entre eles Andy Warhol, Jean-Michel Basquiat, Allen Ginsberg, Robert Creeley e René Ricard. Atualmente, Clemente dá continuidade a sua profunda prática filosófica que busca extrapolar os limites do pensamento e da identidade.

Exposições importantes da obra de Clemente foram realizadas no Philadelphia Museum of Art (Filadélfia, 1990); na Royal Academy of Arts, (Londres, 1991); Centre Pompidou (Paris, 1994); no Museu de Arte Sezon (Tóquio, 1994); Solomon R. Guggenheim Museum (Nova York, 1999–2000); Irish Museum of Modern Art (Dublin, 2004); Museo d’Arte Contemporanea Donnaregina (Nápoles, 2009); Schirn Kunsthalle (Frankfurt, 2011); Rubin Museum of Art (Nova York, 2014); Brant Foundation (Connecticut, 2018); e Dallas Contemporary (Dallas, 2019). Em 2022, o Albertina Museum (Viena), vai apresentar uma ampla exposição que se concentra nos autorretratos de Clemente.





FRANCESCO CLEMENTE

Winter Flowers XIII, 2016–21

Pigmento sobre tela

152.4 × 152.4 cm (60 × 60 inches)



FRANCESCO CLEMENTE

Winter Flowers XIV, 2016–21

Pigmento sobre tela

152.4 × 152.4 cm (60 × 60 inches)

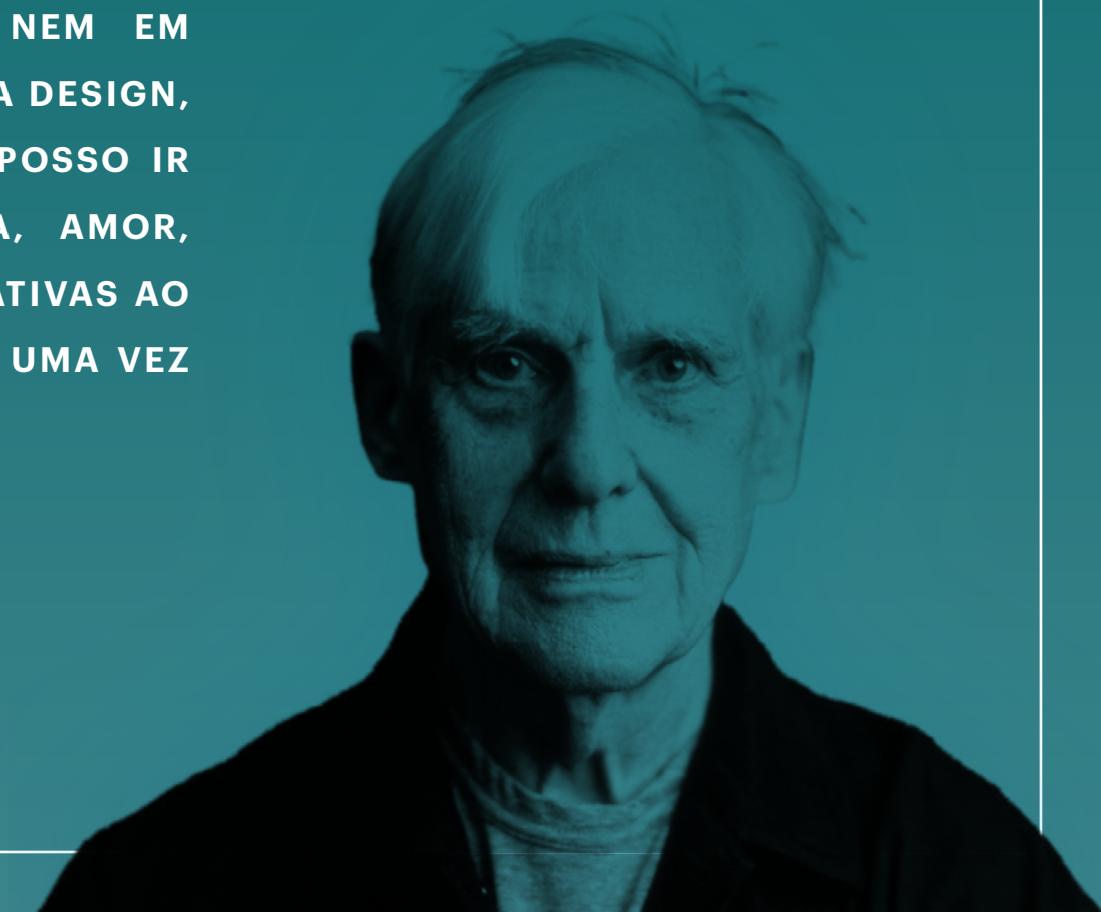


WILLEM DE KOONING

(1904-97)

NÃO ESTOU INTERESSADO EM “ABSTRAIR” NEM EM EXTRAIR COISAS, NEM EM REDUZIR A PINTURA A DESIGN, FORMA, LINHA E COR. PINTO ASSIM PORQUE POSSO IR ADICIONANDO MAIS COISAS: DRAMA, RAIVA, AMOR, UMA FIGURA, UM CAVALO, MINHAS IDEIAS RELATIVAS AO ESPAÇO. ATRAVÉS DOS SEUS OLHOS, ELA MAIS UMA VEZ SE TRANSFORMA EM UMA EMOÇÃO OU IDEIA.

—WILLEM DE KOONING





WILLEM DE KOONING

January, 1947–48

Óleo sobre papel montado em linho

48.9 × 39.4 cm (19½ × 15½ inches)





WILLEM DE KOONING

Untitled, 1975–79

Óleo e carvão sobre papel

104.7 × 74.9 cm (41¼ × 29½ inches)

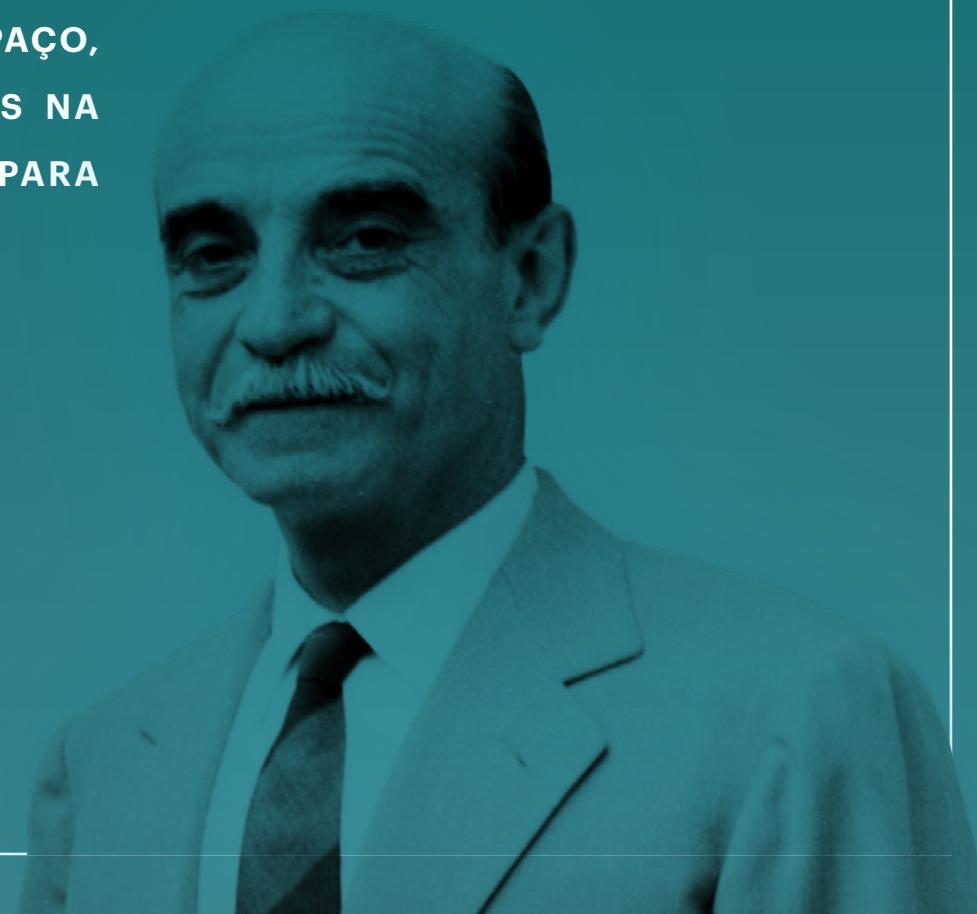


LUCIO FONTANA

(1899–1968)

**NÃO QUERO FAZER UMA PINTURA; QUERO ABRIR ESPAÇO,
CRIAR UMA NOVA DIMENSÃO, AMARRAR O COSMOS NA
MEDIDA EM QUE ELE SE EXPANDE INFINITAMENTE PARA
ALÉM DO PLANO DA PINTURA.**

—LUCIO FONTANA





LUCIO FONTANA

Concetto spaziale, 1957

Pastel sobre tela

40 × 50 cm (15¾ × 19⅞ inches)



TU HONGTAO

(n. 1976)

Tu Hongtao descreve seu processo de pintura como “uma luta arrastada e difícil entre a intuição e a estrutura”. Tomando encontros com paisagens como ponto de partida – geralmente nas montanhas que rodeiam sua casa em Chengdu –, Tu isola texturas e contornos, empregando referências fotográficas e extensos rascunhos para formar uma linguagem visual única. Discernidas por meio de memória e sensação, as abstrações líricas resultantes aludem a paisagens e a “impressões profundas” do próprio artista.

Nascido em Chengdu, na China, em 1976, Tu se formou pela China Academy of Art, em Hangzhou, em 1999. Seus primeiros trabalhos compreendem paisagens urbanas sarcásticas com pilhas de corpos humanos e bonecos, reflexo das incertezas, tensões e desejos da vida urbana. A partir de 2008, ele reorientou sua prática com o olhar voltado para a direção da abstração e da paisagem, influenciado por um rico legado artístico-histórico que inclui pintores chineses como Dong Qichang (1555–1636) e pintores do pós-guerra e contemporâneos como Zao Wou-ki, Cy Twombly e David Hockney. Com pinceladas expressivas que oscilam entre linhas de caligrafia unidimensionais e profundidades espaciais complexas, Tu une com elegância diversas abordagens artísticas para compor imagens contemporâneas de devaneios florescentes.

Em 2018, Tu recebeu uma extensa retrospectiva de meio de carreira no Long Museum, em Xangai. Suas pinturas se encontram em coleções importantes, tanto públicas quanto particulares, entre elas: Long Museum (Xangai); Powerlong Museu (Xangai); TIA Foundation (Dubai); White Rabbit Gallery (Sydney) e Zhi Museum of Art (Chengdu).



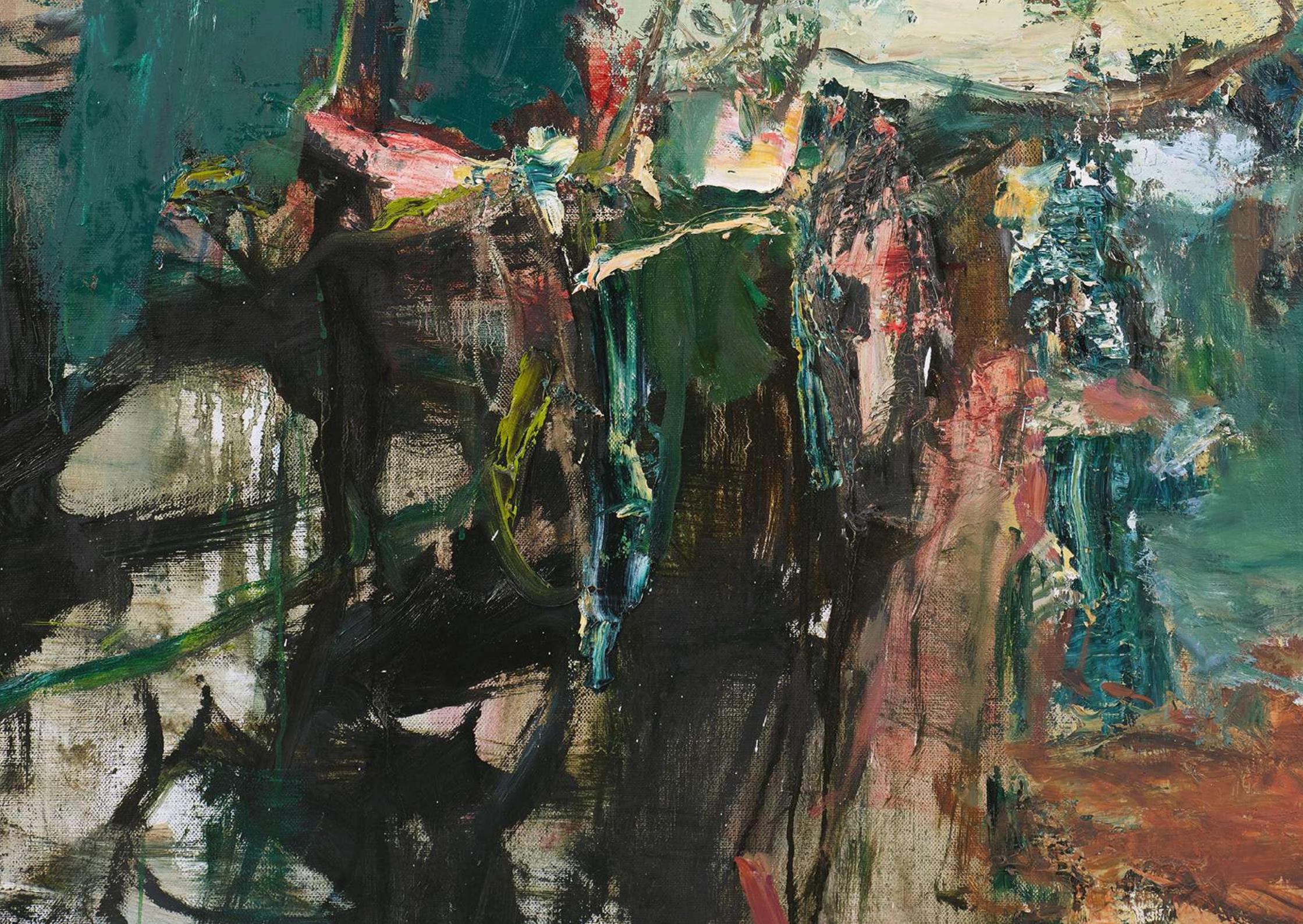


TU HONGTAO

Away From The City, 2021

Óleo sobre tela

130 × 100 cm (51½ × 39½ inches)



YVES KLEIN

(1928-62)

O HOMEM SÓ SERÁ CAPAZ DE TOMAR POSSE DO ESPAÇO POR
MEIO DAS FORÇAS APAVORANTES, AQUELAS MARCADAS
PELA PAZ E PELA SENSIBILIDADE. ELE SÓ SERÁ CAPAZ DE
CONQUISTAR O ESPAÇO – SEU VERDADEIRO MAIOR DESEJO
– DEPOIS DE PERCEBER A IMPREGNAÇÃO DO ESPAÇO POR
SUA PRÓPRIA SENSIBILIDADE.

—YVES KLEIN





YVES KLEIN

Sculpture éponge rose sans titre (SE 204)

1959

Pigmento seco e resina sintética em esponja natural, haste de metal e base de pedra

Altura: 38.5 cm (15 1/8 inches)

LUCIA LAGUNA

(n. 1941)

Lucia Laguna nasceu em 1941, em Campo dos Goytacazes, Rio de Janeiro. Em 1971, recebeu seu diploma de bacharel em literatura e, em meados da década de 1990, estudou pintura e história da arte na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, no Rio de Janeiro. As pinturas de Laguna lançam o observador em composições densas que costumam sugerir a vegetação tropical de seu país natal, o Brasil, criando um ponto de encontro entre o conteúdo representativo e o imaginário fantástico.

Nas últimas quase duas décadas, Laguna tem dividido sua pintura em três corpos de obra: *Jardim*, *Paisagem* e *Estúdio*. Esses agrupamentos testemunham que é impossível separar a prática da artista e o espaço de sua casa e ateliê, localizada em um bairro de subúrbio da Zona Norte do Rio de Janeiro. A partir da observação de seus arredores imediatos, a artista cria cenas complexas que existem em um território híbrido entre a abstração e a figuração. Por meio da colaboração com seus assistentes, Laguna trabalha com um processo de construção, intervenção e apagamento, resultando em um palimpsesto de impressões visuais e acumulação sensorial. Assim, apesar de a paisagem ao redor do ateliê da artista ser sempre a mesma, seu deslocamento para o plano pictórico reinterpreta conceitualmente seus parâmetros.

As pinturas de Laguna fizeram parte de exposições individuais no Museu de Arte do Rio, no Rio de Janeiro (2016) e no Museu de Arte de São Paulo (2018). Ela foi destaque na 30a Bienal de São Paulo (2012) e na 12a Bienal do Mercosul I (2020). Suas obras fazem parte de importantes coleções públicas no Brasil, entre elas a do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro; a do Museu de Arte Moderna de São Paulo; e a do Museu Nacional de Brasília.





LUCIA LAGUNA

Jardim no. 61, 2021

Acrílica sobre tela

140 × 180 cm (55% × 70% inches)





LUCIA LAGUNA

Jardim no. 56, 2021

Acrílica sobre tela

210 × 140 cm (82⅓ × 55⅔ inches)



RIVANE NEUENSCHWANDER

(n. 1967)

A prática de Rivane Neuenschwander se inspira na tradição do conceitualismo brasileiro, algo que conduz a comparações com artistas como Hélio Oiticica e Lygia Clark no que diz respeito a materiais, formas e suas diversas ressonâncias socioculturais. Assim como seus predecessores, Neuenschwander resiste a seguir uma única direção em sua prática. Em vez disso, a artista usa ampla variedade de mídias e materiais para entremear temas como natureza, linguagem, temporalidade e a poesia do cotidiano.

Neuenschwander nasceu em 1967, em Belo Horizonte. Graduou-se em belas artes pela Universidade Federal de Minas Gerais, em Belo Horizonte, em 1993, fez mestrado no Royal College of Art, Londres, em 1998, onde foi artista residente de 1996 a 1998. Reconhecida pela pluralidade de ideias que incute em seu trabalho, Neuenschwander realiza obras de forte cunho político e cultural em formas concretas e sensuais. Sua pesquisa explora intersecções inesperadas entre arte e ciência, antropologia, psicanálise, semiótica e linguística. Os trabalhos de Neuenschwander — que com frequência convidam à participação do público — demonstram o desejo de reconhecer aquilo que se encontra nas entrelinhas, nos lapsos da linguagem e da percepção, para revelar camadas múltiplas de interpretação de nós mesmos e daquilo que nos rodeia.

Exposições individuais de Neuenschwander aconteceram no New Museum, em Nova York (2010); no Museu de Arte Moderna de São Paulo (2014); na Whitechapel Gallery, em Londres (2015); no Museu de Arte do Rio, no Rio de Janeiro (2017); e no Kunstmuseum Liechtenstein, em Vaduz (2021), entre outros. Sua obra integra coleções de destaque internacionais, entre elas as do Centre Pompidou (Paris); Fundación Jumex (Cidade do México); Museu d'Art Contemporani de Barcelona (Barcelona); Museu de Arte Moderna de São Paulo (São Paulo); Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro); Museum of Modern Art (Nova York); Solomon R. Guggenheim Museum (Nova York); Tate (Londres); e Walker Art Center (Minneapolis).

Nos Estados Unidos, Rivane Neuenschwander é representada pela Tanya Bonakdar Gallery.

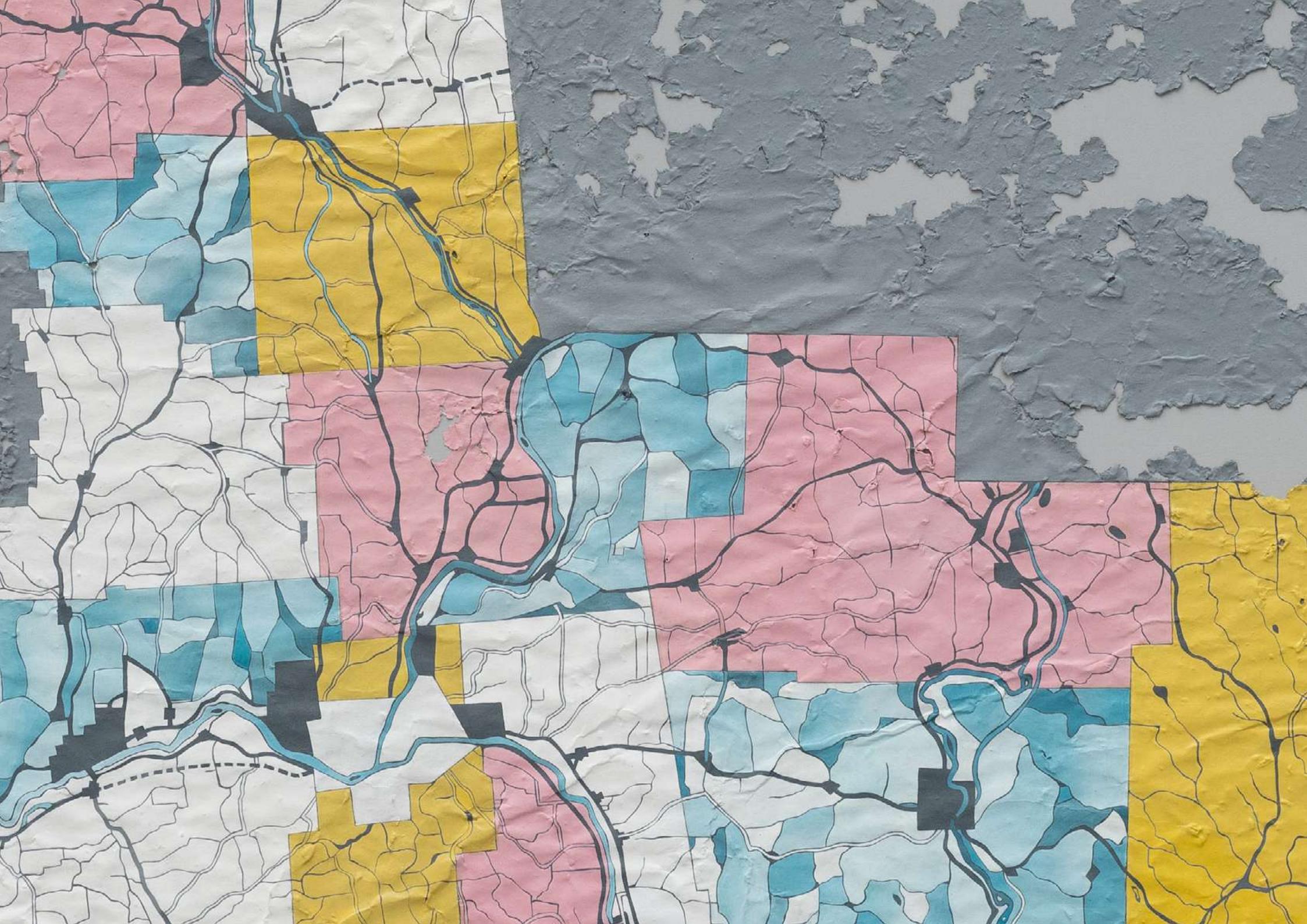




RIVANE NEUENSCHWANDER

Depois da Tempestade/After the Storm (21)
2021

Acrílica sobre mapa sobre madeira
70 × 84 cm (27 $\frac{1}{16}$ × 33 $\frac{1}{16}$ inches)



MARINA RHEINGANTZ

(n. 1983)

Marina Rheingantz baseia-se em lembranças das paisagens rurais de sua infância para compor cenas quase abstratas em que a vida humana aparece apenas como vestígio ou fragmento. Ao mesmo tempo em que evoca tradições da pintura de paisagens, Rheingantz a destrói ao recusar a representação direta; em vez disso, ela se envolve em um processo deliberado de apagamento por meio de camadas sobrepostas de tinta, na busca de se aproximar do sentimento da lembrança.

Em seus trabalhos recentes, penhascos, montanhas, galhos, ondas e pântanos são justapostos a padrões inspirados em tapeçarias. Trazendo a tapeçaria e a topografia ao mesmo nível, o artista destaca a efemeridade de ambas. À medida que incontáveis pontos se espalham como bordados, o senso de perspectiva se dissolve na tela, borrando as linhas entre a terra e o céu,

Em 2021, a obra de Rheingantz foi apresentada em uma exposição individual na FRAC Auvergne, em Clermont-Ferrand, França. Ela também foi incluída em exposições organizadas pelo Instituto Tomie Othake, em São Paulo (2012); pela Contemporary Arts Foundation, em Miami (2015); pelo Centro Cultural São Paulo (2015); pelo Museum Dhondt-Dhaenens, em Deurle, Bélgica (2018); e o Museu de Arte Kushiro, em Hokkaido, Japão (2019). As pinturas da artista integram importantes coleções como as do Museu Serralves; Porto; da Pinacoteca do Estado de São Paulo; da Rubell Collection, em Miami; da Coleção Igali Ahouvi, em Tel Aviv; e da Coleção de Arte Taguchi, em Tóquio, entre outras.

Marina Rheingantz é representada nos Estados Unidos pela Bortolami Gallery.





MARINA RHEINGANTZ

Assanhada, 2021

Óleo sobre tela

130 × 110 cm (51 $\frac{1}{16}$ × 43 $\frac{5}{16}$ inches)



PAT STEIR

(n. 1938)

Inspirada pelo taoísmo e pelo budismo, a prática de Pat Steir transcende o limite entre a figuração e a abstração. Em *Waterfall* (Cachoeira), marcas gestuais e referências a paisagem se sobrepõem e reforçam umas às outras em um modo de abstração marcado por indeterminação e ocasionalidade.

Nascida em Newark, New Jersey, em 1938, Pat Steir estudou arte e filosofia na Universidade de Boston e recebeu seu bacharelado em belas artes pelo Pratt Institute, em 1962. No final da década de 1980, Steir começou a experimentar ao derramar e lançar camadas de tinta diluída sobre a tela, libertando-se da consideração consciente do imaginário e da composição ao permitir que o vestígio de seu processo se torne a imagem em si. Ao passo que o processo de derramamento dela convida a comparações com Jackson Pollock, em vez de estender as telas no chão, Steir pinta de cima de uma escada e trabalha diretamente em telas não esticadas, pregadas à parede do ateliê. Desviando-se intencionalmente da planicidade gestual dos expressionistas abstratos, Steir, por sua vez, explora a condição contemplativa da percepção desenfreada. Dessa maneira, ela busca tanto retratar quanto evocar um estado de espírito: em vez de representar o caráter sublime de uma cachoeira ou marina, as pinturas de Steir se transformam em espaços carregados de conteúdo transcendental.

Ao longo de cinco décadas, Steir participou de exposições em inúmeros museus americanos e europeus. Recentemente, apresentou dois importantes projetos: *Silent Secret Waterfalls*, na Barnes Foundation (Filadélfia, 2019), e *Color Wheel*, no Hirshhorn Museum and Sculpture Garden, Smithsonian Institution (Washington DC, 2019–21). Em outubro de 2021, o Long Museum (Xangai) abriu a primeira grande retrospectiva do trabalho de Steir na China.





PAT STEIR

Untitled XIV 2019 (Taipei), 2019

Óleo sobre tela

121.9 × 121.9 cm (48 × 48 inches)



PAT STEIR

Florida Waterfall Mark Curve, 2007

Óleo sobre tela

182.9 × 129.5 cm (72 × 51 inches)



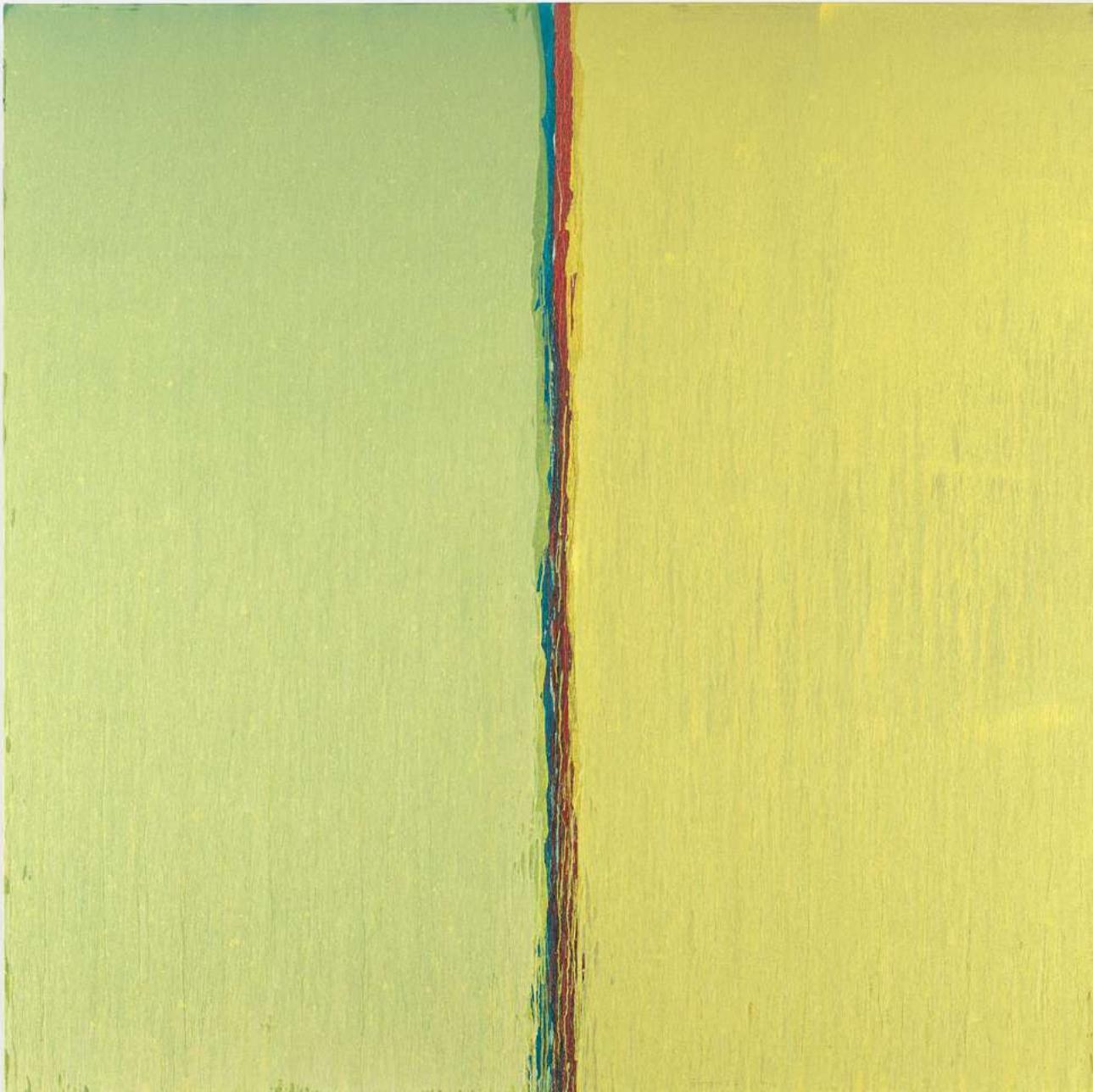
PAT STEIR

Untitled IV 2019 (Taipei), 2019

Óleo sobre tela

152.4 × 152.4 cm (60 × 60 inches)





PAT STEIR

Yellow and Yellow, 2014

Óleo sobre tela

213.4 × 213.4 cm (84 × 84 inches)

JANAINA TSCHÄPE

(n. 1973)

A obra de Janaina Tschäpe habita o território entre a realidade e a fabulação, tomando forma na intersecção entre paisagens vistas, lembradas e emocionalmente incorporadas. Suas pinturas, seus desenhos e suas aquarelas revelam aspectos gestuais e físicos ao se desdobrarem a partir de um processo no qual o corpo da artista está intrinsecamente presente.

Tschäpe nasceu em Munique, na Alemanha, em 1973. Com descendência alemã e brasileira, ela estudou no Hochschule für bildende Künste, em Hamburgo e tornou-se mestre em belas artes pela School of Visual Arts, em Nova York. Seu corpo de obra inicial incluía pintura, fotografia e filme. Mais recentemente, Tschäpe vem criando pinturas vibrantes que constroem um universo de formas híbridas, às vezes botânicas, outras vezes, amorfas, alternando-se entre atmosferas figurativas e abstratas. É importante em seus trabalhos mais recentes a tradição do romantismo alemão e o movimento literário alemão *Sturm und Drang*, que tinha a intenção de representar a sensação de admiração causada pelo sentimento de relativa insignificância frente à beleza vasta e grandiosa da natureza.

Exposições individuais do trabalho de Tschäpe foram realizadas Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía (Madrid, 2001); Centre Georges Pompidou (Paris, 2004); Contemporary Museum of Art (St. Louis, 2006); Irish Museum of Modern Art (Dublin, 2008); Musée de l'Orangerie (Paris, 2020); Sarasota Art Museum (Sarasota, 2020); e Den Frie Center of Contemporary Art (Copenhagen, 2021), entre outros. Suas obras encontram-se em importantes coleções públicas, entre elas: Centre Pompidou (Paris); Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía (Madrid); Harvard Art Museum (Cambridge, Massachusetts); Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro); Moderna Museet (Stockholm); Thyssen-Bornemisza Art Contemporary (Vienna); e Solomon R. Guggenheim Museum (New York).

Janaina Tschape é representada nos Estados Unidos pela Sean Kelly.





JANAINA TSCHÄPE

The Whisperer, 2021

Tinta à base de caseína, bastão oleoso e
pastel oleoso sobre tela

215 × 255 cm (84% × 100% inches)



ADRIANA VAREJÃO

(n. 1964)

Adriana Varejão nasceu em 1964, no Rio de Janeiro, e estudou na Escola de Artes Visuais do Parque Lage de 1983 a 1985. As pinturas viscerais e escultóricas da artista invocam e questionam aspectos da história, da memória e da cultura do Brasil. Com frequência, iconografias familiares – mapas, imaginário religioso, cenas do gênero colonial – são interrompidas por cortes ensanguentados e extrusões de carne simuladas, ou por subversões narrativas mais sutis. Centradas em materialidade e técnica, as obras de Varejão expõem e conectam histórias marginais, adicionadas de referências pessoais, literárias e fictícias.

Varejão ganhou destaque no final da década de 1990 com pinturas que apresentavam elementos dos azulejos portugueses. Ao passo que os primeiros trabalhos da série apresentavam padrões e motivos decorativos perturbadores, muitas das obras únicas de maior escala exibiam superfícies sísmicas, ao mesmo tempo abstratas, geológicas e corpóreas. Essa trama de materialidade, tempo, cultura e lugar desde então define sua obra. Mais recentemente, a artista tem travado um diálogo entre formas limpas e tons fortes de abstração crua e cerâmica pré-hispânica – um rumo que continua e empregar sua típica superfície “rachada”, ancorando o que pertence à história da arte na tradição baseada em artesanato ou na semelhança com a própria terra.

Exposições recentes dos trabalhos de Varejão foram realizadas no Institute of Contemporary Art (Boston, 2014); Dallas Contemporary (Dallas, 2015); French Academy in Rome (Villa Medici, 2016); Museu de Arte Moderna da Bahia (Salvador, 2019); Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães (Recife, 2019); e no Museo Tamayo (Cidade do México, 2019). Suas pinturas integram importantes coleções públicas, entre elas: Solomon R. Guggenheim Museum (Nova York); Hara Museum of Contemporary Art (Tóquio); Tate (Londres); e Museu de Arte do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro), entre outros.

Adriana Varejão é representada nos Estados Unidos pela Gagosian.





ADRIANA VAREJÃO

Azulejo (Moon), 2021

Óleo e gesso sobre tela

110 × 110 cm (43 $\frac{5}{16}$ × 43 $\frac{5}{16}$ inches)



ADRIANA VAREJÃO

Azulejões (*Hokusai*), 2000

Óleo e gesso sobre tela em duas partes

Cada: 100 × 100 cm (39 $\frac{3}{8}$ × 39 $\frac{3}{8}$ inches)



